



**ST16. INTERFACES ENTRE HISTÓRIA, MEMÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA
50 ANOS DO GOLPE MILITAR DE 1964**

1094

**PERSPECTIVAS E EXTERIORIDADES DA APRENDIZAGEM HISTÓRICA
NA ATUALIDADE: DISCUTINDO PRÁTICAS DE ENSINO NAS ESCOLAS**

*Emanuella Bezerra de Oliveira Araujo¹
João Batista Gonçalves Bueno²*

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo vislumbrar uma nova perspectiva para o ensino de história. Ela faz parte do programa PIBID, financiado pela CAPES e busca desenvolver a formação de conhecimentos entre os licenciados em História os professores da rede pública e seus alunos. A pesquisa propõe a aplicação de uma aula oficina nos 9º anos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Soares de Carvalho, na cidade de Guarabira, Paraíba, na qual os alunos são coparticipantes do processo de produção de conhecimentos. Procuramos apresentar aos alunos uma metodologia de ensino ativa, que propõem o desenvolvimento de uma atividade de reflexão e pesquisa, e, finalmente analisar quais são os desdobramentos possíveis desse trabalho. Buscamos portanto, encontrar alternativas didáticas para a efetuação de abordagens para o conteúdo da disciplina de História. Para realizar essa tarefa propomos que alunos investigassem as relações existentes entre a I Guerra Mundial, a II Guerra Mundial e a Guerra fria, encontrando aí, alguns sentidos para a sua vida no presente. Utilizamos como referenciais teóricos: Paulo Freire, C. Bittencourt, Walter Benjamin e E. P. Thompson.

Palavras-chave: Ensino de História, guerra, ensino fundamental, oficina.

INTRODUÇÃO

A nossa pesquisa ocorreu na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Soares de Carvalho, na cidade de Guarabira, Paraíba, onde foram avaliadas três turmas de 9º ano (ensino fundamental). A professora supervisora do PIBID, que auxiliamos no trabalho se chama: Mirian Solange Freire.

A proposta de desenvolver oficinas com atividade para o ensino de História vai de encontro com o pensamento de Bittencourt (2004, p. 211): “apenas conhecer datas e memoriza-las, como se sabe, não constitui um aprendizado significativo, a não ser que

¹ Graduanda de Licenciatura em História. UEPB – Campus III- Guarabira- PB

² Doutor em Educação, Professor Adjunto do curso de História da UEPB, membro do PPGFP da UEPB, membro do PPGU da UFPB, coordenador da área de História do PIBID- Campus III – Guarabira - PB

se entenda o sentido das datações''. Nos dias de hoje muitos professores ainda julgam que os alunos são desinteressados para as atividades propostas em sala de aula. Acreditamos que isso ainda acontece devido a forma como o conteúdo é apresentado em sala de aula, ou seja, os professores normalmente solicitam que os alunos leiam o livro didático e respondam os exercícios propostos nestes livros. Ao percebermos que essas práticas de aula ainda são comuns nas escolas, propomos investigar quais eram as necessidades dos alunos da escola fundamental? E, quais eram suas expectativas em relação ao ensino? Ao fazermos isso percebemos que diferentes questões surgiram em relação ao processo de ensino de História. Entre elas destacamos que os alunos não percebiam qual era o sentido de entender questões do passado para as suas vidas cotidianas? Portanto, o aluno questionava constantemente ''pra que eu vou querer aprender um conteúdo que não vai apresentar nenhum sentido pra a minha realidade de vida?''.

BASES PARA ESTRUTURAR O ENSINO

Ao desenvolvermos uma atividade didática ressaltamos que é importante realizarmos uma sondagem inicial para conhecermos quais são os conhecimentos que os alunos já tem sobre o tema do currículo de História que será estudado. Em outras palavras, deve-se superar a ideia do aluno é uma folha em branco ou uma ''tábula rasa'' (DEMO, 2000). Devemos, portanto, percebê-lo e compreendê-lo como uma pessoa com ideias e explicações para a realidade que esta inserido. Diante dessa situação, o professor necessita estabelecer uma conexão do conteúdo de história com as experiências de vida que o aluno. A construção dos saberes, partem dos conhecimentos não formais, das pequenas inquietudes que nós professores percebemos nos alunos em forma de questionamentos, como ressalta Mizucami:

[...] o conhecimento é considerado como uma construção continua. A passagem de um estado de desenvolvimento para o seguinte é sempre caracterizada por formação de novas estruturas que não existiam anteriormente no individuo. Para facilitar esse desenvolvimento, o professor de História deve provocar o ''desequilíbrio'' no aluno, ou seja, propor atividades desafiadoras aos alunos para facilitar a passagem do pensamento concreto para o formal, abstrato. A partir de então, o aluno terá condições de compreender melhor os conteúdos históricos, facilitando a aprendizagem da disciplina de História no ensino fundamental. (MIZUKAMI, 1986, p. 63-64).

Ao observarmos o comportamento dos professores nas escolas ouvimos correntemente colegas de profissão mencionando as seguintes lamentações: essa turma não tem solução. Não existe forma de fazer eles aprenderem e se tornarem alunos atentos, ou críticos em sala de aula. Acreditamos que é diante dessas concepções de ensino que se encontram as ideias do fadado fracasso escolar. Mas segundo (CHARLOT, 2000, p. 9), ''Não temos discentes em situação de fracasso escolar e sim reféns de uma situação de fracasso escolar''. Portanto, o desenvolvimento dos processo

de aprendizagem do alunos deve ser controlado pelo professor, e este se torna efetivo se produzir um sentido para o meio social que o aluno se encontra.

A aprendizagem é [...] um processo essencialmente social, que ocorre na interação com adultos e os colegas. O desenvolvimento é resultado desse processo, e a escola, o lugar privilegiado para essa estimulação. A educação passa, então a ser um processo social sistemático de construção da humanidade. (BOCK, 2012, p. 126).

A PROPOSTA DOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E O ENSINO DE HISTÓRIA

O uso de documentos históricos como recursos didáticos para o desenvolvimento das aulas de História não é algo novo. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de História, trazem essa proposta desde 1998, e o apresentam com a intenção de agir como uma ferramenta para construir sentidos para o ensino de História.

Indo na direção das propostas sugeridas pelos PCNs, propusemos realizar oficinas didáticas com os alunos do 9º ano, do Colégio Estadual, procurando dialogar com eles sobre as possibilidades de utilização de fontes históricas em sala de aula. A partir dessa ideia, procuramos apresentar aos alunos uma nova perspectiva do que seriam fontes históricas, e pesquisar quais são as possibilidades de uso de documentos históricos em sala de aula. Para iniciarmos nosso trabalho partimos das seguintes questões: será que os alunos conhecem tais recursos? Como poderíamos utilizar as fontes históricas nas aulas de história? Quais seriam as finalidades desse uso para ampliar o campo de conhecimento dos alunos sobre a História? Será que através do uso de documentos históricos conseguiríamos propor uma aprendizagem que não se concentrasse na prática de acumular conteúdos pela memorização? Como poderíamos, através do uso de documentos Históricos em sala de aula propiciar a reflexão dos alunos, estabelecendo relações com a compreensão de seu cotidiano? Nesse caso nos baseamos no pensamento do professor Paulo Freire (2001) que assevera que:

Todo material, que no acesso ao conhecimento tem a função de ser mediador na comunicação entre o professor e o aluno, pode ser considerado material didático. Isto é, são materiais didáticos tanto os elaborados especificamente para o trabalho de sala de aula livros-manuais, apostilas e vídeos, como, também, os não produzidos para esse fim, mas que são utilizados pelo professor para criar situações de ensino. Faz parte do trabalho do docente saber o que pretende ensinar, diagnosticar o que os alunos sabem e pensam sobre o tema de estudo, definir suas intenções de ensino, escolher a atividade pedagógica adequada e o material didático pertinente para cada situação, avaliar as repercussões trabalho na sala de aula: informa, cria conflitos, de suas intervenções e quais as dificuldades na aprendizagem [...] (BRASIL, 1998, p. 79).

DESENVOLVIMENTO DA OFICINA

A oficina foi realizada nas três turmas de 9º ano, turmas A, B e C, no Colégio Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho. A professora Mirian Solange Freire e o professor João Batista Gonçalves Bueno foram os responsáveis pelo monitoramento da elaboração da oficina. Eles nos orientaram como deveríamos realizar o planejamento da oficina e na forma como poderíamos nos comportar perante as turmas. A professora, como responsável pelas turmas nos apresentou à sala e descreveu muitas das características das turmas que iríamos desenvolver as oficinas. O Professor orientador do Pibid da área de História provocou que questionássemos, tanto os métodos que iríamos utilizar em sala de aula, quanto provocou a discussão sobre quais seriam os melhores documentos que lançaríamos mão para desenvolver a oficina. Partindo da orientação desses professores, passamos então a realizar o planejamento e as pesquisas sobre quais documentos iríamos propor para que os alunos fizessem a leitura em sala de aula. Este ponto foi de muita importância, pois a escolha mais adequada dos documentos possibilitaria que os alunos fizessem leituras mais aprofundadas sobre o tema.

O planejamento das oficinas se deu da seguinte forma: esta foi dividida em etapas, a sondagem, a apresentação de recursos didáticos como imagens, vídeos; exposição oral do professor e dos alunos e a proposta de atividades para estabelecer o resultado, o produto das oficinas.

Essas em quatro etapas, foram desenvolvidas durante quatro semanas. O tema escolhido fazia parte da sequência de temas planejados para serem ministrados pela professora supervisora. O planejamento desta professora foi elaborado no início do ano letivo, e, isto explica porque da sua escolha. Como teríamos de discutir com os alunos o tema das duas grandes guerras mundiais (1º e 2º Guerra Mundial) e a Guerra Fria, procuramos planejar atividades que tentavam compreender como esses fatos históricos se interligaram. Um dos objetivos que pretendíamos alcançar, além de acrescentar conhecimentos sobre esses eventos históricos, era desmitificar alguns entendimentos dos alunos sobre as guerras. Para provocar a reflexão sobre esses fatos históricos levantamos várias questões previamente, no entanto nem todas foram utilizadas, pois como a atividade de oficina é dinâmica e envolve o interesse dos alunos, outras questões surgiram durante o desenrolar das aulas oficina. Dentre as questões que planejamos destacamos as seguintes: Como eram os comportamentos das populações durante as guerras? Quais inovações tecnológicas ocorreram neste período? O que significava a destruição do outro? Como se deram as disputas pelo poder? Quais eram os objetivos, as finalidades e as heranças que as guerras deixaram nas sociedades e na vida social da população mundial? Qual é a visão que vocês têm de uma guerra? Existem guerras acontecendo nos dias atuais?

O interesse principal foi desmistificar o conceito de guerra, que é conhecido pelos alunos, por filmes e documentários, os quais mostram esses eventos de forma idealizada, defendendo normalmente as posições dos vencedores das guerras. Assim, propomos elaborar uma oficina que produzisse uma prática de ensino que provocasse a reflexão e tivesse algum sentido para a vida do alunado. Portanto tínhamos, também como objetivo discutir com os discentes de ensino fundamental as consequências do pós-guerra. O que resultou destes terríveis acontecimentos? Como os genocídios em

massa causaram medo e o sofrimento em diferentes segmentos das populações? Como o não reconhecimento da alteridade pode levar a desentendimentos que causem essas crises na sociedade? E, como essa sequência de guerras resultou no desenvolvimento tecnológico que vivemos na atualidade? Quais foram suas consequências?

Quando os seguintes objetos e bens foram inventados e passaram a fazer parte das nossas vidas atuais: o micro-ondas, o fusca, o chocolate industrializado, o computador. Escolhemos esses itens, entre tantas outras coisas que foram inventadas no período, pois eles são de conhecimento dos alunos e poderíamos ligar o desenvolvimento tecnológico com esses objetos.

Os primeiros documentos que escolhemos mostrar para os alunos foram fotografias tiradas no período. Em um primeiro momento apresentamos imagens que remetem ao sofrimento e a mutilação dos corpos nos pós-conflitos bélicos, por exemplo havia uma imagem do rosto de uma pessoa desfragmentado pelo ácido muriático. Ao mesmo tempo que mostrávamos as imagens íamos indagando os alunos sobre o que representavam para eles aquilo que estavam vendo. Além disso, perguntávamos qual foi o objetivo do fotógrafo em representar aquela cena? E qual seria a importância daquela mensagem para mostrar algum aspecto da guerra? Os alunos a cada imagem que visualizava iam se manifestando acerca da temática trabalhada, questionávamos também, e se fosse com alguém da família de vocês, que sofresse aquele tipo de morte, ou uma mutilação semelhante? O que vocês faria se estivesse presente nestas guerras? Onde vocês se esconderiam se ocorresse uma guerra na cidade de vocês?

Ao término da apresentação das imagens distribuímos folhas em branco para que eles representassem em forma de escrita o que seria a guerra para eles. Propomos que eles criassem uma narrativa a partir das imagens que tínhamos apresentado.

Na segunda etapa da oficina, como os discentes já estavam inseridos no assunto, percebemos à boa participação dos alunos nas discussões em sala, explanando suas opiniões e sentimentos acerca da temática. Nesta parte da oficina, trabalhamos com os alunos sobre a Revolução Industrial, porque neste período ocorreu um grande avanço tecnológico e ocorreram muitos inventos de artefatos de guerra. Além disso, trabalhamos com a ideia de que muitos dos artefatos que eram utilizados nas guerras já tinham uma história longa, e alguns deles tinham outra finalidade, desde a primeira guerra mundial. Propusemos então, demonstrar aos alunos como as guerras causam uma grande mobilização da sociedade e dos governantes. Além disso, por conta das necessidades provocadas pelas batalhas foram criados diferentes instrumentos tecnológicos, ou seja, propusemos mostrar aos alunos como as principais potências bélicas mundiais investiram em construir novas tecnologias para o conflito.

A partir daí começamos a discutir com os alunos que a guerra fria foi uma guerra ideológica, no qual as pessoas viviam amedrontadas com a bomba atômica que os Estados Unidos e a União Soviética possuíam. Isto ocorreu devido à disputa entre as duas potências que dividiram o mundo em países com sistemas capitalistas e socialistas, respectivamente.

Além disso, fomos contando em forma de narrativa como Europa estava destruída após a segunda guerra mundial. Neste período, os países europeus precisavam se reconstruir. Neste período também os cientistas da Europa se refugiaram nos Estados

Unidos durante a guerra. Este país que defendia o sistema capitalista, investiu nos países europeus e também no Brasil com o objetivo de manter o controle sobre estes estados. Solicitamos então que os alunos realizassem pesquisas sobre essa temática, utilizando o livro didático e as redes sociais, e então criassem uma versão que caracterizasse esses três momentos de guerra.

Com o resultado positivo dos trabalhos escritos dos alunos passamos a analisar os resultados das atividades, observando quais eram os pontos de vistas dos alunos, sobre o que significava viver em estado de guerra em um país, e como as famílias se sentiam nesse momento, expomos abaixo um exemplo de uma conclusão de uma aluna:

“Esperança de reencontrar, a família, os rever depois de um conflito bélico, esperar que estejam bem. As pessoas não desejam as guerras são reféns delas, o mundo quer paz e não; medo, sofrimento, fome, doenças. Diante desta situação a esperança é o que nos conduz, esperança que dias melhores viram. As guerras são fruto do egoísmo, inveja, ganancia, afim de conseguir poder econômico, se as pessoas responsáveis pelas guerras sofressem como a população em massa sofre não haveria guerra, porém em meio a conflitos bélicos, sempre existe uma gota de esperança, que um dia a guerra será apenas um passado em nossas vidas e não vai estar mais presente em nosso cotidiano. Queria que as guerras nunca existissem”.

1099

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Repetidamente manejados pelos docentes de todos os níveis de instrução de ensino fundamental, estas praticas didáticas que nomeamos de oficinas podem provocar a que o aluno reveja os conteúdos programáticos de uma forma mais sensível, encontrando, portanto algum significado no estudo. Além disso, percebemos como ousado de imagens fotográficas é um instrumento rico para suscitar a participação dos alunos em sala de aula. As oficinas, portanto, possibilitam que o ensino se torne significativo. Mas não existe construção de um saber sem a ferramenta chave que é o aluno, nossa atenção e empenho para realizar uma aprendizagem significativa é construída para o aluno de hoje. Diante dessa situação, é preciso trabalhar com os conteúdos de forma crítica, questionando o ambiente social que ele o aluno esta inserido, a escola a sua cidade, família. Para fazer isso utilizamos a metodologia de elaborar questões problematizadas, o que provocou que os alunos compreendessem outros aspectos que envolvem um luta das dimensões que foram as guerras mundiais. Percebemos também que os acontecimentos e os conteúdos de história devem ser trabalhados de forma clara, objetiva e problematizada. Por isso acreditamos que não construímos onde o passado era visto como uma história morta e inerte para os nossos alunos, nem para nós historiadores. Construímos, sim, uma história problema que pode contribuir para o desenvolvimento das praticas de ensino de história.

REFERENCIAS

ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BOCK, Ana. **Uma introdução ao estudo de psicologia**. 13. Ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998^a.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história**. Brasília: MEC/SEF, 1998b.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber. Elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e Construção de Conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

PRATS, Joaquín. **Ensinar História no contexto das Ciências Sociais: princípios básicos**. Revista Educar, Curitiba, Especial, p. 191-218, 2006. Editora UFPR.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Literância histórica: Um desafio para a educação histórica no século XXI**. História & Ensino. Londrina, v. 15, p. 09-22 ago. 2009.

SILVEIRA, Josiane Alves da. **Ensino de História: Na busca de novas atuações, abordagens e perspectivas**. História & Ensino, Londrina, v. 18, n. 2, p. 203-232, jul./dez. 2012.